

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Águida Aparecida Laporte Sobrinho

A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA

Belo Horizonte

2010

Águida Aparecida Laporte Sobrinho

A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História da África, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Liliane dos Santos Jorge
Miriam Lúcia Jorge

Belo Horizonte

2010

Águida Aparecida Laporte Sobrinho

A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em História da África, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Liliane dos Santos Jorge
Miriam Lúcia Jorge

Aprovado em 11 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Liliane dos Santos Jorge (Orientadora) – Faculdade de Educação da UFMG

Miriam Lúcia Jorge (Co-Orientadora) – Faculdade de Educação da UFMG

Maria José Batista Pinto (Convidada) – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Este trabalho consiste na sistematização de um Plano de Ação Pedagógica, desenvolvido no ano 2010, na Escola Municipal Dr. José Xavier Nogueira, em uma turma de alunos de 4(quatro) anos.

O tema central deste trabalho foi “A afirmação da identidade da criança negra” _e teve como principal objetivo possibilitar o desenvolvimento de valores básicos; o respeito ao outro e a si mesmo e para que compreendam, respeitem e valorizem a diversidade sócio-cultural e a convivência solidária em uma sociedade democrática, resgatando a auto-estima das crianças negras.

Este trabalho está estruturado em 3 (três) partes.

Na primeira parte, fazemos uma descrição do contexto em que o Plano de Ação Pedagógica foi desenvolvido, apresentamos a temática escolhida e sua justificativa teórica, bem como seus objetivos gerais e específicos.

Na justificativa discutimos teoricamente acerca de como abordar as questões raciais na Educação Infantil.

Na segunda parte descrevemos o desenvolvimento das ações desenvolvidas, destacando a utilização de recursos importantes como a literatura Infantil e filmes, excelentes instrumentos adequados à faixa etária dos alunos.

Finalmente na terceira parte, apresentamos uma avaliação do trabalho feito ressaltando a tentativa de estabelecer um pacto político com a escola e a comunidade escolar de forma dinâmica, bem estabelecida, acreditando que a informação foi o principal meio de diluir e exterminar preconceitos.

Palavras-chave: Educação Infantil, Identidade, Questões Raciais e Relações étnico-raciais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Caracterização do contexto e do público	
1.1.1 Descrição institucional.....	
1.1.2 A proposta pedagógica	10
1.1.3 Descrição da turma	
1.1.4 Temática do Plano de Ação Pedagógica e justificativa	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 A lei 10.639/03-A perspectiva de novas práticas pedagógicas	
2.2- Justificando a escolha: por que abordar as questões raciais na Educação Infantil?	15
3. OBJETIVOS	26
3.1 Objetivo Geral	
3.2 Objetivos Específicos	
4- METODOLOGIA	27
5- CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES	28
6- O DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA	29
6.1 Livro: “Menina Bonita do Laço de Fita	30
6.2 Livro: “ A Ovelha Negra de Bernado Aibé	34
6.3 Filme: “ Kiriku e a feiticeira”	35
6.4 Filme: “ A princesa e o sapo”	39
6.5 Livro Ana e Ana de Célia Godoy	41
7. AVALIAÇÃO	42
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
9. REFERÊNCIAS	46
10. ANEXOS.....	49

Agradecimentos:

Agradeço a Deus, porque sem a presença dele eu não chegaria até aqui, vem dele tudo o que sou o que tenho e o que espero. Colocou as pessoas certas na minha vida., obrigado Senhor, pelo amor que puseste em cada um que caminhou comigo nessa jornada. Agradeço também à minha família, marido e filhas que me ajudaram tanto nesta caminhada.

Agradeço também aos colegas de curso porque, escolhemos juntos este caminho e chegamos ao término de um momento de grande importância.

A partir de hoje, parte de nossa história vai ficando para trás, mas com certeza, tempo nenhum apagará o que juntos passamos, o que juntos vivemos!

À vocês orientadoras; Liliane dos Santos Jorge e Miriam Lúcia Jorge que passaram por nós mediando conhecimentos, abrindo portas, mostrando caminhos e fazendo-nos perceber do quanto somos capazes. Se hoje estamos aqui é porque vocês acreditaram em nosso sucesso e caminharam conosco lado a lado. Meu sincero obrigado por vocês dedicarem tempo e sabedoria para que nossa formação fosse um aprendizado de vida.

Aos meus pais já falecidos; minhas palavras nunca expressarão a saudade que sinto, mas quero que saibam que a ausência de vocês nunca significou esquecimento e onde quer que estejam dedico essa vitória à vocês.

Dedico aos familiares, amigos, companheiros e orientadoras que participaram dessa jornada, cujo apoio, incentivo e torcida foram fundamentais para o meu sucesso. Registro aqui as saudades dos momentos inesquecíveis... quase perfeitos e deixo um abraço imenso e um beijo especial a todos que amo.”

“ A educação é a arma mais que
poderosa que você pode usar para
mudar o mundo.”

Nelson Mandela

1-INTRODUÇÃO

1.1 Caracterização do contexto e do público

1 .1. 1 Descrição Institucional

A Escola Municipal Dr. José Xavier Nogueira foi inaugurada em outubro de 2007. Localizada no Bairro Jardim Europa, a escola é uma conquista da comunidade que a reivindicava há 30 anos.

É uma escola de Ensino Fundamental, possui 13 turmas de 1º e 2º ciclos no turno da manhã e 12 turmas de 1º ciclo à tarde e também 8 turmas de Educação Infantil, manhã e tarde, sendo 4 turmas de crianças de quatro anos e quatro turmas de crianças de cinco anos.

Temos 619 alunos no Ensino Fundamental e 171 alunos na Educação Infantil, totalizando 790 alunos. A escola possui um quadro de 24 professores de manhã e 22 à tarde, 6 Educadoras Infantis de manhã e 6 educadoras à tarde. Temos 1 diretor, 1 vice diretora , 6 coordenadoras, professoras de apoio, 1 secretário e 2 auxiliares, 4 bibliotecários e 8 auxiliares de Serviços Gerais; sendo 2 porteiros, 4 cantineiras, 8 da limpeza e 1 mecanógrafa.

A escola tem 13 salas de aula no Ensino Fundamental, 4 salas de Educação Infantil, 01 sala de direção, 01 biblioteca, 01 laboratório, 01 sala de informática, 01 sala de coordenação, 01 sala de multimídia, multiuso, quadra de esportes, parquinho e papelaria, 06 banheiros para o Ensino Fundamental e 02 banheiros para a Educação Infantil.

Nos organizamos de modo que cada professor ocupe, durante 05 dias da semana, 16 horas com os alunos em sala de aula, 1 hora por dia dedicada a estudos e atividades pedagógicas.

Trabalho nesta escola desde a sua inauguração em 2007. Atuo na Educação Infantil desde janeiro de 2005 e fui transferida em 2007 para a escola em que trabalho atualmente. Estou trabalhando no turno da manhã, com uma turma composta por 20 alunos de 04 anos.

1.1.2 A Proposta Pedagógica

Estamos trabalhando e construindo o Projeto Político Pedagógico -PPP. A nossa proposta curricular está em consonância com as orientações da Secretaria Municipal de Educação- SMED.

Trabalhamos e tentamos implementar a Lei 10.639/03. Ainda estamos teóricos, as relações ainda estão no papel; as vivências são ainda um pouco polêmicas.

A equipe de Educadoras Infantis está empenhada em desenvolver um maravilhoso trabalho com as crianças, mas precisam do apoio das famílias para que o crescimento seja global e coerente entre escola / família. Estamos desenvolvendo o Projeto “Arca das letras”, e escolhemos o tema “animais”, associando com as várias áreas do conhecimento, permitindo ao educando aprender sobre si mesmo e sobre o meio ambiente, sobre cidadania e a responsabilidade que temos para com nosso planeta. A avaliação deste projeto é sistemática e contínua e acontecerá ao longo de todo o processo de aprendizagem.

Temos reconhecimento do nosso papel como profissionais da educação, trabalhando em equipe e executando nossas atividades, pautando-nos pelo respeito à dignidade, aos direitos e às especificidades das crianças em suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas e religiosas, sem discriminação, comprometendo-nos com o bem estar e o desenvolvimento integral das crianças, promovendo a educação para a cidadania, a paz e a solidariedade humana e trabalhando com as múltiplas linguagens: lúdica, gestual, corporal, musical, plástica, oral, escrita, virtual e conhecimentos sobre o mundo físico e social.

1.1.3 Descrição da turma

Atendo a vinte alunos com idade de 04 anos, sendo 11 meninas e 09 meninos. Dentre eles, há 15 da cor branca e 05 mestiços.

É uma turma tranqüila, que apresenta muitos aspectos em comum. São curiosos, criativos e adoram brincar. Eu observo as atitudes deles e, a partir daí, planejo minhas aulas. Adoram ouvir histórias, encenar a história e dramatizar.

A turma apresenta um grande interesse por animais, adoram atividades prazerosas que envolvam a leitura, pesquisa e observação do mundo que faz parte do dia-a-dia deles.

Em rodinha, gostam de conversar sobre a necessidade de respeitar o espaço e os direitos de cada um.

Estou trabalhando com uma atividade lúdica denominada “caixa-surpresa”, onde há envolvimento dos alunos, da professora e dos pais com atividades prazerosas e significativas. Nestas atividades, o objetivo é trabalhar a afetividade, resgatando a auto-estima dos alunos. Os pais ajudam seus filhos a responder uma série de perguntas do universo infantil e eles trazem fotos deles, da família, brinquedos que eles mais gostam, etc...

1.1.4 Temática do Plano de Ação Pedagógica e Justificativa

Minha expectativa ao longo do ano foi desenvolver um Plano de Ação Pedagógica com o objetivo de resgatar a auto-estima das crianças negras, valorizando e respeitando as diferenças.

Escolhi o tema “**A afirmação da identidade da criança negra**”, a partir de uma situação vivenciada em sala de aula, que descrevo a seguir.

Trouxe para a sala de aula bonecos com vários tons de pele e fotos com pessoas de características distintas. Uma das crianças, Kettollyn (4 anos), apontou a fotografia de uma menina negra e disse que “era feia”. _ Por que feia? _ perguntei a ela. _ Porque ela é igual a mim, respondeu a menina.

Em diversas situações vividas em sala de aula percebi o quanto é importante o combate a todas as formas de preconceito, devendo ser priorizado desde os primeiros anos da Educação Infantil, valorizando a identidade racial das crianças, estimulando o respeito à diversidade e formando cidadãos preocupados com a coletividade.

As relações raciais no Brasil e também a proposta de construção de uma nova identidade racial se faz necessária, e é nesse sentido que desenvolvi esse projeto.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A lei 10.639/03:a perspectiva de novas práticas pedagógicas

A implantação da lei 10.639/03 alterou a LDB 9.394 de 1996, que estabelece as Diretrizes de Bases da Educação Nacional. A lei 10.639/ 03 passou a vigorar acrescida de artigos que tornam obrigatório o ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana na Educação Básica das escolas públicas e particulares da federação.

Dessa forma, faz-se necessário à inclusão de conteúdos sobre a História da África nos currículos escolares, para serem estudados e aprofundados junto aos alunos.

A negação dessa história esteve sempre associada, nitidamente, à forma de controle social e dominação tecnológica, além do interesse na construção de uma identidade brasileira despida de seu conteúdo racial, dentro do chamado “desejo de branqueamento” de nossa sociedade.

A dificuldade em lidar com o tema, a escassa fonte de pesquisa e as lacunas deixadas pelos bancos escolares, fazem com que seja necessária uma formação específica para que os professores possam atuar em sala de aula desenvolvendo ações que contribuam para o combate ao racismo e às discriminações de modo geral.

Atualmente, o debate sobre as relações étnicas e raciais não ocorre apenas no Brasil. Portanto, podemos considerar que o enfrentamento às questões derivadas das relações étnico-raciais encontra-se, certamente, entre os maiores desafios da humanidade do século XXI.

Acreditamos na educação das crianças como agente transformador da sociedade e, portanto, que nosso papel principal é possibilitar que se tornem cidadãos plenos no exercício da sua cidadania, na construção de uma sociedade melhor e menos violenta.

Entretanto, trabalhar com as crianças apenas a consciência de seus direitos e deveres não basta. É preciso que saibamos o porquê da nossa imensa desigualdade social, que influi diretamente na conquista e exercício destes direitos e deveres. É preciso criar uma cultura de respeito às diferenças e amor ao outro.

Paulo Freire afirmava que ensinar exige reconhecimento e assunção de identidade cultural e que o bom educador é aquele que aprende enquanto ensina. Norteando com tais pensamentos nosso trabalho, acreditamos que possamos melhorar nossa história, e mudar para melhor nossa sociedade.

De acordo com o Guia Brasileiro de fontes para a história da África, da escravidão negra e do negro na sociedade atual, (1998), durante longos anos, a história do descobrimento do Brasil tem sido contada (sobretudo nas escolas) de maneira equivocada, sob a perspectiva do conquistador (europeu), em detrimento dos povos dominados. Os portugueses consideravam índios e negros como coisas, seres inferiores, escravizando-os e tratando-os de maneira brutal. Apesar de tudo que aconteceu, a história foi-nos contada de maneira sutil, omitiram e maquiaram alguns detalhes a fim de que pensássemos, erroneamente, se tratar de algo natural, propagando discriminação racial.

O Brasil real é resultante do encontro de culturas e civilizações provindas de quatro continentes: América, Europa, África e Ásia. Os representantes desses quatro continentes aqui se encontram nas condições históricas conhecidas, ou seja, trouxeram sua contribuição para a formação do povo e da história do Brasil, na construção da identidade e da cultura brasileira. Identidade e cultura entendidas no sentido plural e não unitário.

É por isso que conhecer o Brasil equivale a conhecer a história e a cultura de cada um desses componentes culturais, tentando cercar e captar suas contribuições na sociedade brasileira. Não vemos melhor caminho, para entender a história social e cultural deste país, a não ser começar pelo estudo de suas matrizes culturais, enfatizando a heterogeneidade do espaço.

Porém, não é isso que acontece com a história do Brasil até hoje ensinada através da historiografia oficial. Na maioria dos livros e materiais didáticos (quando são presentes) a história e a cultura africanas e dos afro-descendentes são apresentadas de um ponto de vista estereotipado e preconceituoso. Conseqüentemente, os brasileiros de ascendência africana, contrariamente aos de outras ascendências, ficam privados da memória de seus ancestrais no sistema de ensino público oficial, além de acarretar uma baixa auto-estima e a construção de uma identidade negativa.

Essa situação justifica a lei 10.639/03, promulgada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, isto é, 115 anos depois da abolição da escravidão no Brasil, para reparar essa injustiça causada não apenas aos negros, mas também a todos os brasileiros, tendo em vista que esta história esquecida é um patrimônio de todos sem discriminação de cor.

Com a implantação da lei 10.639/03, acreditamos que a escola poderá contribuir para o resgate da história do negro no Brasil, valorizando a cultura e os costumes que foram seqüestrados da África, juntamente com os escravos, e que fazem parte da cultura brasileira, pois o nosso país é a junção das três etnias que o compõem (índio, branco, negro) e que resulta numa diversidade racial e cultural.

Percebemos o quanto se fazem necessárias reflexões que coloquem à tona questões que conscientizem, informem e (re)construam a história do negro do nosso país, considerando as situações de preconceito e discriminação, que ainda fazem parte da nossa história.

Ao tratar desse temas, estaremos criando possibilidade de mudança de muitos paradigmas e olhares, valorizando nossas raízes, podendo assim, lutar por relações humanas mais justas.

2.2 Justificando a escolha: por que abordar as questões raciais na Educação Infantil?

O presente projeto, intitulado “A afirmação da identidade da criança negra”, traduz a necessidade de caráter social e político da escola de desenvolver nas crianças, desde cedo, uma consciência crítica que possibilite ações e atitudes positivas.

Como uma das instituições responsáveis pelo processo de socialização, a escola estabelece relações entre crianças brancas e negras, possibilitando a convivência com diferentes raças e gêneros e a construção da identidade. Ao vivenciar essa proposta, volta-se para a observação das diferenças enquanto características e abandonam-se preconceitos que ao longo da história serviam para a desvalorização dos atributos individuais.

Levando-se em consideração que é preciso educar o indivíduo para a convivência saudável no espaço em que está inserido, ao propor este trabalho, busca-se a compreensão de como são construídas as relações raciais. A importância disso, consiste na quebra de preconceitos, inclusão social e promoção da igualdade.

Perceber a normalidade do racismo trabalhando o significado dos “xingamentos” relacionados à cor da pele, tão presentes na Educação Infantil, como mostra Eliane Cavalleiro em seu livro: *“Do silêncio do lar ao silêncio escolar”*, é condição essencial ao professor e professora.

Segundo os dados da tese de doutorado da socióloga Rita Fazzi, professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em discussões nas salas de aula, as crianças são capazes de reverberar extenso repertório racista, com xingamentos que vão de “tição” a “leite azedo” e poucas passam ilesas nesse período.

A necessidade de se abordar pedagogicamente a História da África e o preconceito racial na Educação Infantil se dá pelo fato de, nesta primeira etapa da Educação Básica, a escola contribuir para a estruturação do caráter e da personalidade da criança.

Dessa forma, podemos mostrar às crianças pequenas que ser negro não é vergonhoso, pelo contrário. Devemos apresentar-lhes a África como o berço da civilização e fazê-los orgulhosos do histórico de lutas, resistências e conquistas de negros como Zumbi, Chiquinha Gonzaga, João Cândido, Carolina Maria de Jesus e tantos outros.

Tendo em vista que a problemática racial está presente no cotidiano escolar da Educação Infantil, que, muitas vezes, discrimina o negro, a análise contínua deste segmento escolar torna-se fundamental para o entendimento da relação existente entre o preconceito racial e a cultura escolar da Educação Infantil. Portanto, através da investigação das práticas docentes, das relações professor/aluno e aluno/aluno está sendo possível verificar o que a escola transmite às crianças acerca do negro e de sua cultura, assim como, o que as crianças trazem consigo em relação ao preconceito racial.

É muito comum negar-se a existência do preconceito racial na Educação Infantil, pois se acredita que a criança vive em harmonia com as diferenças. No entanto, já é sabido que ela assimila as representações sociais, logo, se vivemos em uma sociedade preconceituosa, obviamente, o preconceito racial passa pelo cotidiano escolar da Educação Infantil. A legislação brasileira, nas últimas décadas, tem contemplado a Educação Infantil. Isso ocorreu a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 (Art. 208, Inciso IV), na aprovação da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96) e no Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI - BRASIL, 1998).IV.

Nestes documentos, a Educação Infantil vem sendo respeitada, sendo considerada como um dos instrumentos necessários para dar início à educação e à socialização das crianças. Por outro lado, a aprovação e a implementação da Lei 10.639 de 09/01/2003, que dimensiona o ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira no currículo escolar, tornando-o obrigatório na educação básica; e do Parecer CNE/CP003 (BRASIL, 2004), tem-se iniciada amplas discussões sobre a identidade da cultura afro-brasileira, como do combate a discriminação racial no espaço escolar em seus diferentes níveis de ensino

Não restam dúvidas de que mesmo existindo, ainda, sérias barreiras à cultura afro-brasileira nas escolas, os avanços alcançados até hoje são importantíssimos, pois como afirma Lima (2005) é na Educação Infantil que são formados os primeiros embriões dos valores humanos, costumes e princípios éticos, então ali, com certeza as manifestações racistas e discriminatórias poderão ser amplamente combatidas.

É preciso abordar a discussão da diversidade já na infância. Se a criança não for preparada desde cedo, dificilmente romperá com os preconceitos possivelmente presentes em seu meio e tenderá a repetir os padrões de discriminação que aprender. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo educador, independente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política.

Em um país como o Brasil, que ainda conserva uma herança escravocrata enorme, as desigualdades enraizadas pelas políticas econômicas e públicas, principalmente na área social, revestem-se de uma importância que não podem ser desconsideradas.

A partir destes fatos, o esforço de consolidação das iniciativas que visem a elevação da qualidade de vida das populações, essencialmente dos segmentos marginalizados, seja por motivos culturais, econômicos ou étnicos, infelizmente ao longo dos tempos não têm produzido os resultados esperados. Isso também vem ocorrendo na educação. As condições sócio-econômicas, culturais e étnicas continuam colocando barreiras para que a qualidade de vida garantida pelas leis brasileiras atinjam, de fato, a todos os brasileiros.

Dentro destes princípios, algumas reflexões parecem necessárias quando se tenta compreender a trajetória das políticas públicas no Brasil, na promoção da equidade social e a superação dos desequilíbrios, à garantia de direitos fundamentais da cidadania.

O Brasil, a partir da sua história de colonização, nunca obteve uma identidade autêntica, uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos (ORTIZ, 2003). Nesse sentido, é com certeza um desafio desenvolver na escola, novos espaços pedagógicos que propiciem a

valorização das múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro (MOURA, 2005).

Mesmo existindo estas dificuldades, pode-se perceber nas escolas algumas mudanças básicas, nos currículos e nos relacionamentos escolares e em sala de aula. Percebe-se que desde a educação infantil aos cursos superiores, a educação, enquanto espaço de socialização e de instrução e de aquisição de conhecimentos, vem sendo cada vez mais democratizada e universalizada (PEREIRA, 2005).

No entanto, mesmo existindo estas mudanças, principalmente da postura da escola em relação às etnias raciais, apesar da importância e da diversidade dos trabalhos sobre relações étnicas raciais e educação, ainda faltam muitos aspectos a serem desvendados. Diante da complexidade da realidade brasileira e da forma pela qual o racismo se expressa na escola, a inclusão clara, transparente e global ainda continua distante da realidade.

Sendo assim, como a educação das relações étnico- raciais tem por objetivo divulgar e produzir conhecimentos, atitudes, posturas e valores que enfatizem a pluralidade étnico-racial, capacitando as crianças para interagir no sentido de respeitar as diferenças e valorizar as identidades, fica claro que todos os esforços devem ser feitos para viabilizar uma educação que de fato seja um marco no tratamento das questões da infância e das diversas variáveis étnico-raciais.

Estas diretrizes são percebidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): documentos do Ministério da Educação e Desporto/Secretaria da Educação Fundamental (BRASIL, 1998). Neles, preconiza-se que a escola contribua para que princípios constitucionais de igualdade sejam viabilizados, principalmente no que se refere às questões da diversidade cultural.

Nesse sentido, Ribeiro (2002) nos convida a refletir:

"Crianças brasileiras de todas as origens étnico-raciais têm direito ao conhecimento da beleza, riqueza e dignidade das culturas negro-africanas. Jovens e adultos têm o mesmo direito. Nas universidades brasileiras, procure, nos departamentos as disciplinas que informam sobre a África. Que silêncio lamentável é esse, que torna invisível parte tão importante da construção histórica e social de nosso povo, e de nós mesmos?". RIBEIRO (2002, p. 150)

Aliadas, então, à elaboração de políticas públicas eficazes, faz-se necessário que as escolas, os seus profissionais, promovam um amplo movimento, tendo como horizonte a discussão e redimensionamento dos currículos, dos materiais pedagógicos com relação as etnias, a comunidade negra, incluindo, ainda nas manifestações escolares, nas discussões a comunidade negra e as diversidades culturais e, principalmente, as questões referentes aos mesmos deveres e direitos garantidos pelo Constituição Federal de 1988. Professores e demais profissionais educacionais que circundam a pré-escola, com o intuito de educar na diversidade, devem oferecer oportunidade para que as crianças façam sua interpretação do mundo.

Por isso, as turmas de Educação Infantil e classes iniciais do Ensino Fundamental devem ser de fato um ambiente prazeroso, onde são oferecidos e trabalhados todos os tipos de materiais para que, através da observação, comparação, classificação e reflexão, as crianças possam descobrir a importância da cultura, das manifestações artísticas, das crenças, rituais afro-brasileiras, procurando se apropriar delas, e assim, construir conhecimentos históricos importantes para a própria luta social.

Tendo em vista, população brasileira e sua evidente pluralidade, não se pode mais permitir que tantas crianças e jovens neguem sua identidade porque não conhecem sua história. A escola brasileira precisa conhecer e vivenciar a diversidade de seus alunos, e principalmente permitir que a escola seja um instrumento de alfabetização, mas também um instrumento de crescimento cultural, de descoberta de experiências étnico-raciais.

É primordial portanto, que na primeira etapa da Educação Básica, definida pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB n. 9.394/96), que os educadores proporcionem as crianças atividades que desenvolvam suas potencialidades no aspecto cognitivo, afetivo, psicomotor e social. Vale destacar nesse processo a necessidade emergente e urgente de diretrizes para uma sólida formação do profissional da educação tendo como enfoque, as relações étnico-raciais.

Como já foi exposto, é fato que o preconceito racial e a discriminação se proliferam nas escolas, através de mecanismos ou funcionamento do ritual pedagógico entendido como a materialização da prática pedagógica, exclui dos currículos

escolares a história de luta dos negros na sociedade brasileira. Sobre tal aspecto, Cavalleiro (2000) afirma:

"É flagrante a ausência de um questionamento crítico por parte das profissionais da escola sobre a presença de crianças negras no cotidiano escolar. Esse fato, além de confirmar o despreparo das educadoras para relacionarem com os alunos negros evidencia, também, seu desinteresse em incluí-los positivamente na vida escolar. Interagem com eles diariamente, mas não se preocupam em conhecer suas especificidades e necessidades" (CAVALLEIRO, 2000, p. 35).

Não se pode negar, as conseqüências de atitudes racistas e irracionais nas vidas de milhões de crianças e jovens brasileiros. Entende-se que a Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 que altera a LDB 9.394/96, "para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura afro-brasileira" e para influenciar a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana (CNE, 2004), foi sem dúvida alguma um grande avanço, no entanto, quase nada foi realizado para materializar estas propostas, as condições materiais das escolas, a formação dos professores ainda continuam insuficientes para oferecer educação de qualidade para todos, assim como o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos. (RONEI -BRASIL, 1998).

Os problemas e deficiências podem ser vistos, ainda nas questões curriculares. Neste sentido, o que mais ocorrem são as questões defendidas por Moura (2005), para quem as escolas adotam um currículo que encobre e/ou mascara os principais objetivos do ensino e aprendizagem. Segundo essa autora, o currículo adotado é invisível, ele promove a transmissão de valores, de princípios de conduta e das normas de convívio, dos padrões sócio-culturais inerentes à vida comunitária, no entanto o faz de maneira informal e não explícita, permitindo sempre uma afirmação positiva da identidade de um determinado grupo social em detrimento de outros.

É certo que é importante incorporar nos currículos da Educação Infantil, práticas, metodologias que possibilitem a construção de um sentimento de identificação, que regaste a história dos negros, sua herança africana e sua importância na formação

do Brasil. É imprescindível que o padrão sócio-cultural dos alunos tenha relação visível com o currículo escolar.

Através da matriz africana, jovens e crianças reproduzam e recriem, em sua experiência cotidiana, na vida familiar e nas celebrações grupais, os valores que são passados de geração em geração. A educação brasileira diante disso tudo, precisa no contexto das salas de aula partir da idéia do aluno enquanto um ser social dotado de cultura que o define. E para tanto, é preciso reconhecer a importância da afirmação da identidade, levando em conta os valores culturais dos alunos e respeitando a história de seu grupo étnico/social.

No caso das populações afro-brasileiras, esta é uma tarefa urgente. Um currículo democrático que reconheça a importância de se incorporar valores da tradição afro-brasileira, implica na Educação Infantil, na criação de espaços para a participação, para cantar, dançar, partilhar. É possível por meio de narrativas, teatros, brincadeiras resgatar, por exemplo, os mitos sobre orixás, falando dos heróis das comunidades, das festas como o frevo e o congado.

Em relação, à literatura infanto-juvenil, podemos dizer que as imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam percepções. Sendo assim, é importante perceber, como os negros são representados nas histórias infantis. De acordo com LIMA (2005), geralmente, quando personagens negros entram nas histórias aparecem vinculados à escravidão. Para esta autora, o problema não está em contar histórias de escravos, mas na abordagem do tema, que na maioria das vezes, faz com que crianças negras se sintam constrangidas.

É preciso ter orgulho de ser negro. Segundo ORTIZ (2003), só através de uma releitura dos elementos que compõem as culturas negras no Brasil é que poderemos tentar um meio, um aprofundamento pedagógico, que nos encaminhe para uma pedagogia genuinamente brasileira, capaz de resgatar para todos os brasileiros uma cultura nossa, considerada até agora marginal, mas que responde pela identidade cultural do país, estando presente em todos os setores da sociedade.

Nesse sentido, como forma introdutória que auxilie o nosso olhar sobre as questões raciais na Educação Infantil, faz-se necessário recorrer a alguns aspectos históricos da criança negra no Brasil.

PRIORI (1991) afirma que retomar a história da criança em nosso país, é dar de cara com um passado marcado por tragédias: o abandono de bebês, a venda de crianças escravas que eram separadas de seus pais, a vida em instituições que no melhor dos casos significava mera sobrevivência, as violências cotidianas que não excluem os abusos sexuais, as doenças, queimaduras e fraturas que sofriam no trabalho escravo ou operário foram situações que emburraram por mais de três séculos a história da infância no Brasil (p.8).

A mesma autora observa sobre a parca escolarização no Brasil, salientando que da mesma forma que as escolas eram poucas, destinavam-se para poucos:

“Se as crianças indígenas tinham acesso a elas, o mesmo não podemos dizer das crianças negras, embora saibamos que alguns escravos aprendiam a ler e escrever com os padres” (PRIORE 2001, p.53).

Cunha (1999) busca resgatar na história do país, a educação da criança negra, fazendo referência a Lei do Ventre Livre, a qual destinava a liberdade às crianças nascidas de escravas e instrução escolar das mesmas.

Devemos considerar que a criança é reprodutora e produtora da cultura do meio social da qual ela faz parte. Esse espaço é compartilhado entre as crianças e adultos, de maneira relativizada elas (re)elaboram parte do sistema simbólico, expressando o que os adultos muitas vezes não verbalizam.

Na educação, a leitura da criança sobre o mundo que a cerca, perpassa muitas vezes pelas histórias infantis, pelo brinquedo e pelo brincar. Elementos como brinquedos, cantigas infantis aparentemente inocentes, podem ser repertórios de símbolos, modelos, estigmas que marcam a reprodução das desigualdades.

Com isso queremos mostrar o quanto das reproduções do racismo, está permeado

na relação adulto – criança. No entanto, a educação pode auxiliar na quebra dessas reproduções.

Vamos então, discutir as questões pedagógicas no trato das diferenças raciais na educação infantil. Primeiro pergunta-se: Por que é importante tratar das relações raciais na educação infantil?

Começaremos partindo da finalidade da Educação Infantil. Nessa modalidade de educação é indissociável o cuidado e a educação no atendimento às crianças . A ação educativa nessa fase preocupa-se com “o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” . (LDB)

Para Rocha (1999) as crianças de 0 a 6 anos são os sujeitos da Educação Infantil e o objeto de suas ações são as relações educativas ocorridas num espaço de convívio coletivo.

Nesse sentido, a interação social nesse processo educativo ganha uma dimensão ainda maior, considerando que as relações estabelecidas se dão numa fase de desenvolvimento humano extremamente importante para a apropriação e construção de significados sobre o meio social no qual a criança está inserida.

Deparamos aqui, com a resposta sobre a importância das questões raciais na educação infantil, consiste exatamente na grande atividade dispensada a educação da infância no convívio com os outros. Então, um terreno muito fértil de aprendizados mais focalizado na (re)elaboração de sentimentos, idéias e percepções, positiva sobre si e sobre o outro. Souza [1998] salienta que a educação anti-racista deve ter início cedo, para a autora da mesma forma que as identidades de gênero começam na tenra infância, ocorrem com as questões raciais, que também são explorados, negociados enquanto percepção no mundo social infantil.

A autora sugere que basta lembrar o nosso período de infância no ambiente educativo, que pode-se ver a negação do negro através do acervo de brinquedos e brincadeiras a disposição das crianças: a falta de bonecas negras ou quando elas

existem, são escurecidas dentro de um padrão branco de beleza; desproporção nos gibis de representatividade negra em relação as personagens brancas; personagens negros em papéis secundários e estereotipados na literatura infantil; cantigas que reproduzem estigmas em relação ao negro , como “Boi da Cara Preta”, “Pai Francisco”.

A nossa perspectiva aqui, é que nesses primeiros anos de vida das crianças na Educação infantil, possa ser estimulada a convivência com a diversidade étnico-racial e garantir um espaço educativo que represente a diversidade, a imagem positiva dos negros, indígenas e descendentes. Nesse sentido, a ornamentação dos espaços das escolas de Educação Infantil deve contemplar imagens de crianças e famílias negras, indígenas, asiáticas e outros grupos étnicos. Esta atitude é essencial para auxiliar na construção da afirmação identitária das crianças.

Em se tratando das relações estabelecidas na Educação Infantil, as ações educativas devem privilegiar contatos, referências positivas através de elogios às diferenças, atentar para a igual distribuição de afeto, carinho e cuidado, usar muito da oralidade, do “contar história” que incluam personagens e elementos culturais afro-brasileiros e africanos.

Lima (2005) ao orientar sobre abordagem da história e cultura negra na Educação Infantil sugere que é importante disseminar atitudes positivas em relação ao segmento negro, utilizando-se “do lúdico e do afeto, estimular o contato, a admiração, o encanto pela estética e pelo imaginário africano e afro-descendente. Brincadeiras e brinquedos, cantigas e muita “contação” de histórias que falem, lembrem e se refiram ao mundo negro servirão como meios para romper ou evitar que se construam barreiras e preconceitos”.

A dimensão do cuidar e educar deve ser ampliada e incorporada nos processos de formação dos profissionais que atuam na Educação Infantil, o que significa recuperar ou construir princípios para os cuidados embasados em valores éticos, nas quais atitudes racistas e preconceituosas não podem ser admitidas.

Não silenciar diante de atitudes discriminatórias eventualmente observadas é um outro fator importante na construção de práticas democráticas e de cidadania para todos e não só para crianças.

As dimensões do cuidar e educar nos permitem compreender a importância das interações positivas entre educadoras e crianças. Relações pautadas em tratamentos desiguais podem gerar danos irreparáveis à constituição da identidade das crianças, bem como comprometer a trajetória educacional das mesmas.

Ao olhar para alunos que descendem de africanos, o professor comprometido com o combate ao racismo deverá buscar conhecimentos sobre a história e cultura deste aluno e de seus descendentes. E ao fazê-lo, buscar compreender os preconceitos embutidos em sua postura, linguagem e prática escolar; reestruturar seu envolvimento e se comprometer com a perspectiva multicultural da educação. (ROMÃO - 2003)

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Possibilitar o desenvolvimento de valores básicos; o respeito ao outro e a si mesmo e para que compreendam, respeitem e valorizem a diversidade sociocultural e a convivência solidária em uma sociedade democrática, resgatando a auto-estima das crianças negras.

3.2 Objetivos específicos

- Estimular a percepção dos alunos e alunas em relação às diferenças físicas existentes entre as pessoas e o respeito de uns pelos outros, independentemente do grupo étnico a que cada um pertença, reconhecendo e respeitando o outro em sua diversidade.
- Proporcionar a sua intervenção em situações relacionadas ao cotidiano possibilitando resoluções de problemas individuais e coletivos, refletindo sobre as práticas racistas que estão expressas explícitas ou implicitamente nas atitudes, posturas e brincadeiras.
- Conhecer e valorizar a cultura afro-brasileira: músicas, poesia, contos, proporcionando o desenvolvimento da oralidade nos momentos de conversa e contação de histórias, percebendo as situações de negros na literatura infantil, a fim de desmistificar a imagem do negro como escravo, mas nas condições de escravizado; fazendo com que as crianças incluam em seus desenhos personagens negros.
- Possibilitar a identificação das crianças negras com sua raça/cor, trabalhar com elas a importância de se valorizar ao invés de negar a cor; promovendo o desenvolvimento de sua auto-estima.
- Descobrir sua identidade familiar através da exploração da árvore genealógica;
- Localizar a África no globo terrestre.

4. METODOLOGIA

Espero alcançar estes objetivos utilizando a literatura infantil e filmes, porque são recursos adequados a faixa etária dos alunos, visto que conforme descrevi, eles adoram ouvir histórias, encenar e dramatizar, representando os personagens que são retratados na história, sendo que nesta fase do desenvolvimento, a imaginação e a fantasia ocupam grande parte de suas brincadeiras, exercitando o comportamento de imitar ações, revelando a sua criatividade e assim vão entendendo como as coisas acontecem na realidade.

As atividades lúdicas também ajudam a criar e a consolidar a auto-estima. As crianças adquirem atitudes adequadas imitando os adultos que tem como referência. A educação infantil deve incluir não só o que se diz, mas sobretudo o que se faz.

Através de projetos envolvendo histórias e contos, são trabalhadas muitas atividades envolvendo atitudes, sentimentos, expressões e valores. E, dramatizar a realidade é apropriar-se dela para entender a vida, os diferentes papéis sociais e as relações entre eles.

O filme também é; um recurso rico, lúdico e interessante. É um dos instrumentos que auxilia o professor no desenvolvimento do trabalho escolar, pois é nessa fase que a criança começa a perceber as diversas linguagens presentes na sociedade e é preciso construir nas crianças da educação infantil essa postura crítica mostrando que existe uma diversidade de estereótipos em nossa cultura e é possível conviver socialmente tendo por base a ética e a moral.

5. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS	MÊS DE EXECUÇÃO DA ATIVIDADE	PERÍODO DE EXECUÇÃO DA ATIVIDADE
<u>Livro</u> : Menina bonita do laço de fita: Ana Maria Machado	Confecção de um álbum e de uma árvore genealógica. Dramatização da história. Painel de fotos de vários tipos humanos. Confecção da menina bonita do laço de fita.	<u>Agosto</u>	03/08/2010 á 27/08/2010
<u>Livro</u> : A ovelha negra: Bernardo Aibe	Confecção de ovelhas brancas e negras com pitchulinha e algodão.	<u>Agosto</u>	30/08/2010 à 10/09/2010
<u>Livro</u> : Ana e Ana: Célia Godoy	Desenhos feito pelos alunos.	<u>Outubro</u>	03/ 10/2010 à 22/10/2010
<u>Filme</u> : Kiriku e a feiticeira	Confeccionar máscaras e álbum do Kirikú.	<u>Setembro</u>	13/09/2010 à 24/09/2010
<u>Filme</u> : A princesa e o sapo e o livro “A princesa e o sapo” o sonho de Tiana.	Dramatização da história “A princesa e o sapo	<u>Setembro e outubro</u>	27/09/2010 à 01/10/2010

6. O DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA

Já trabalhamos com o tema “Africanidade” no decorrer do ano letivo, considerando que desde a implantação da escola em 2007, trabalhamos com este tema, pelo fato de ser o tema de nossa mostra cultural que sempre acontece no mês de novembro. Trabalho em parceria com uma colega que trabalha com outra turma de 4 anos, compartilhando os mesmos projetos e atividades, para serem apresentados no dia da mostra cultural.

Iniciei o projeto em agosto, trabalhando com uma dinâmica com os alunos:

- a) Dinâmica das flores: levei flores de diferentes cores e formas para a classe e deixei que cada aluno escolhesse uma. Depois, perguntei o que chamou a atenção deles para escolher aquela flor. Pedi a eles que percebessem as diferentes cores, o perfume, a textura, as diferentes formas... Chamei a atenção para o fato de as flores serem diferentes e nem por isso serem menos belas e apreciadas. Depois, pedi que olhassem uns para os outros. Assim como as flores, cada um é diferente, mas não menos importante. Muitas coisas variam: cor e tipo de cabelo, formato e cor dos olhos, tamanho do nariz, altura, cor da pele, etc.
- b) Dinâmica das cores: levei um aparelho de som para a classe e coloquei uma música suave. Espalhei vários lápis ou gizes de cera de várias cores sobre a mesa e pedi para as crianças escolherem a cor que mais lhes agradavam. Tinha cores iguais e cores diferentes. Conversei com elas sobre como seria o mundo se tudo fosse de uma só cor... azul, por exemplo; e se tudo fosse amarelo? Ou vermelho? Será que elas comeriam uma banana azul? Ou um morango cinza? Sim? Não? Por quê?

Perguntei se é bom haver cores diferentes e por quê.

Depois, pedi que olhassem uns para os outros. Assim como as cores, cada um é diferente. Muitas coisas variam: cor e tipo de cabelo, formato e cor dos olhos,

tamanho do nariz, altura, cor da pele... Perguntei que cor de lápis ou giz é mais parecido com a cor da pele de cada um.

Li para os alunos o livro *Crianças como você* (Editora Ática), que apresenta crianças do mundo todo, mostrando seus costumes e brincadeiras preferidas, suas famílias, a comida de que mais gostam. Analisei com a classe as diferenças entre essas

crianças (culturais, étnicas, religiosas, etc.) e como isso pode influenciar nos costumes.

Pedi que cada aluno relatasse a sua história (e a da família), a exemplo do livro *Crianças como você*, falando do brinquedo preferido, da comida de que mais gosta, da família, etc. Resolvi montar uma caixa surpresa onde a criança leva a caixa para casa, (dentro da mesma foi colocada algumas instruções e perguntas que devem ser atendidas e respondidas com o objetivo a que se destina e as observações que forem necessárias). "Se todos fossem iguais e gostassem das mesmas coisas, a caixa surpresa ficaria interessante?" "Como seria o mundo se todos fossem iguais?". Dentro desta caixa a criança pode trazer também fotos dela e da família, brinquedos preferidos, animalzinho de estimação de brinquedo, etc

Em outro momento pedi aos alunos que trouxessem de casa gravuras de vários tipos humanos (brancos, negros, índios, orientais, etc...) em revistas compondo um painel de fotos.

Confeccionamos também uma árvore genealógica com os dados coletados através de uma pesquisa dos alunos com os seus familiares.

6.1 Livro: “Menina bonita do laço de fita”

O enredo do livro infantil de Ana Maria Machado é cativante: uma linda criança negra é admirada por um coelho branco como a neve, que quer saber como pode alcançar a mesma cor da bela e simpática menina. A beleza da menina do laço de fita encantou o coelho que queria saber o seu segredo pra ser tão pretinha e bonita. Seu encantamento e formosura foi comparada com uma princesa da África. A Obra faz reflexões importantes sobre diversidade racial, auto-estima, hereditariedade, miscigenação e fraternidade.

O projeto iniciou com uma dinâmica de sensibilização. Trouxe nesse dia uma caixa surpresa, onde as crianças deveriam descobrir o que havia dentro da caixa. (Dentro da mesma havia uma boneca preta com laço de fita e o livro de histórias “Menina bonita do laço de fita”). Foi uma empolgação geral para descobrir o que havia dentro da caixa!!!

Após a dinâmica, a turma foi ao banheiro se olhar no espelho e perceber que cada um é especial e único.

A próxima etapa realizada foi com a exploração da literatura infantil – Menina Bonita do Laço de Fita.

Momento 1

Antes de apresentar o livro, iniciei a aula com uma conversa informal perguntando:

1. Com quem a gente se parece?
2. Todas as pessoas são iguais?
3. Mostrei a capa do livro “Menina bonita do laço de fita” e perguntei:
4. Quem será essa menina?
5. Como ela é?
6. Quais as suas características?
7. Como ela parece estar se sentindo?

Em uma roda de conversa pedi as crianças que levantassem hipóteses sobre a possível origem da menina - “...um aluno respondeu que ela veio da África”. Dando continuidade a atividade fomos localizar no mapa Mundi onde estava a África. Após explorar a capa do livro e ouvir o que as crianças disseram a respeito das perguntas, fiz a leitura do livro para os alunos.

Momento 2

Trabalhei oralmente as características físicas da menina, associando às comparações do texto.

Em seguida, realizei a interpretação do livro:

1. Qual era a cor da pele da menina? Parecia com o que? Quem se lembra?
2. E o seu cabelo? O que sua mãe fazia nele?
3. Seus olhos se pareciam com o que?
4. Como era o coelho?
5. O que ele descobriu?
6. Qual a conclusão que o coelho chegou sobre a cor da pele da menina?

7. Por que os filhotes do coelho nasceram um de cada cor?

Deixei claro que cada um de nós tem suas características, oriundas de sua família. Sendo assim, somos únicos, diferentes, e isso torna cada um de nós especial. Fiz uma rodinha e conversei com as crianças sobre a história. Levantei algumas questões para que as crianças pudessem pensar e verbalizar suas opiniões. Reli o trecho da história “O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele já tinha visto toda a vida!” E pensava: _ Ah, quando eu casar quero ter uma filhinha pretinha e linda que nem ela!”.

Questionei as crianças: O que é ser bonito? Como uma pessoa deve ser para ser bonita? Na medida em que as crianças iam colocando suas opiniões enfatizei a importância da diferença de cada um. Destaquei para o grupo que o importante é ser diferente, indagando: Já pensaram se todos nós fôssemos iguais?

Aproveitei a descoberta do coelho de que “a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos” e perguntei às crianças com quem elas acham que se parecem. Para complementar essa discussão, enviei uma atividade para casa em que as crianças perguntaram aos pais com quem eles acham que elas se parecem. Assim apareceu muitas respostas interessantes: olho da avó, cabelo do pai, boca da mãe, etc. Os pais enviaram fotos de seus filhos junto com as pessoas com quem achavam que o filho se parecia.

Quando o material chegou em sala, socializei as descobertas na rodinha ajudando na verbalização das crianças com uma frase do tipo : minha mãe acha que os meus olhos são do ... meu cabelo é parecido com ..., minha boca se parece com ...

Momento 3

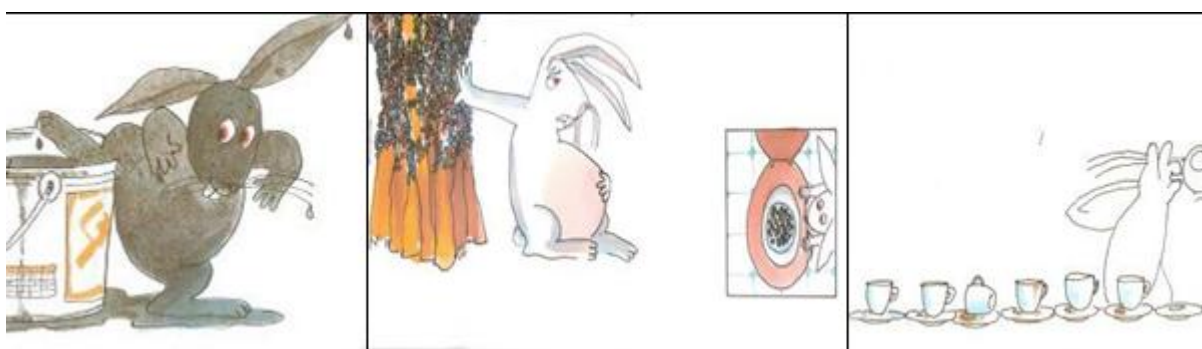
Pedi aos alunos que trouxessem fotos deles e da família.

Recolhi as fotos trazidas pelos alunos e coleí em um grande cartaz dizendo: Diferenças: não basta reconhecê-las é preciso valorizá-las.

Pedi que olhassem o cartaz com as fotos e procurassem em seus parentes alguma característica parecida com a sua. Pedi que observassem nas fotos semelhanças com a menina da história.

Momento 4:

Para esse momento xeroquei a ilustração abaixo e entreguei as 3 imagens recortadas e embaralhadas para cada criança (1 cópia para cada um). Fiz várias perguntas e pedi que colocassem as figuras de acordo com a sequência da história.



Avaliação do momento 4:

Envolvimento e a participação dos alunos nas respostas às questões colocadas.

Compreensão da sequência dos fatos ocorridos com o personagem. (momento 4).

Momento 5

Confecção de um álbum com as cenas da história “Menina Bonita do laço de fita” com desenhos feitos pelos próprios alunos.

Dramatização da história “Menina bonita do laço de fita”.

Através de um bilhete, comuniquei aos pais que estávamos trabalhando com o livro “Menina Bonita do Laço de fita” e pedi que cada família confeccionasse uma boneca preta com a criança para expor na nossa mostra cultural. Expliquei que a boneca poderia ser feita com materiais recicláveis: garrafas pet, caixas de leite, papel, copo de iogurte, etc e pedi para que a boneca ficasse pronta até 29/10/2010.

6.2 Livro “A ovelha negra de Bernardo Aibe”

Tita era uma ovelha negra, que queria ser branca como todas as suas amigas. Por isso era uma ovelha infeliz. E quanto mais infeliz ficava, mais diferente se sentia. Por viver só pensando nisso, o mundo se resumia à sua dor. E como ninguém nasceu para ser infeliz: Tita terá que descobrir que a aparência nem sempre traz a felicidade.

O livro conta a história de uma ovelha que não gostava de ser negra. Queria ser igual às outras que eram brancas e com isso, sofria. Vivia triste. Embora não fosse desprezada pelas demais, sentia-se mal por se sentir negra e ser vista como diferente. A ovelha passa por um processo de conscientização e descobre que pode e deve ser feliz sendo uma ovelha negra. Ela passa a gostar de si mesma ao perceber que não precisa ser igual às outras para ser feliz.

Assim como a história fala de uma ovelha, não se difere de tantas pessoas que, devido aos padrões de beleza estabelecidos, acabam por se sentirem mal por sua pele negra. O desejo de embranquecer passa a ser um ideal da sociedade e de si. E para quê? Quantas e quantos alunas e alunos nós temos em nossa sala de aula como a "ovelha negra" desta história?

Procedimentos metodológicos:

1º momento: Contação da história “ A ovelha negra”

2º momento: Reconto da história, realizada no momento de socialização: a rodinha.

3º momento: Dramatização da história.

4º momento: Confeção de ovelhas brancas e negras feitas com pitchulinha e algodão.

6.3 Filme : “Kiriku e a feiticeira”

Escolhi este filme porque é um excelente filme, para crianças e adultos. Alternativo em vários aspectos, "Kiriku e a Feiticeira" valoriza um padrão de beleza não-ocidental, que é o africano. Além do mais, oferece a oportunidade de conhecer mitos de povos que fazem parte da formação do povo brasileiro, que são as diversas etnias africanas e também para trabalhar a questão da Cultura Africana com meus alunos. É um bom início à valorização da cultura e da sabedoria dos povos africanos.

Kiriku é um ótimo filme, tanto pela sua estética que se diferencia do padrão hollywoodiano, quanto pela honestidade com que trata de algumas características do povo africano (e, na verdade, da natureza humana). As cenas de inveja e desprezo pelo pequeno Kiriku são tão marcantes quanto sua coragem extrema, irresponsável mesmo. Ótima película para reflexão da natureza humana e para discussão das diferenças culturais entre as distintas raças. Um aspecto muito positivo que merece reflexão: a vilã não é branca e loira como temos visto em vários filmes contemporâneos. Indispensável discutir essa questão. diversas etnias africanas e também para trabalhar a questão da Cultura Africana com meus alunos. É um bom início à valorização da cultura e da sabedoria dos povos africanos.

Kiriku é um garoto pequeno, mas muito inteligente e com dons especiais, que nasceu com a missão de salvar sua aldeia. A cruel feiticeira Karaba secou a fonte do lugar onde Kiriku mora com amigos e parentes e, possivelmente, comeu o pai e os tios do menino. Encontrando amigos e seres fantásticos pelo caminho, Kiriku vai resolver a situação. História baseada em uma lenda da África Ocidental. É uma lenda africana, que conta a história de uma menino que assim que nasceu, já sabia falar, era uma criança curiosa que queria saber de tudo. Perto dessa aldeia tinha uma Feiticeira chamada Karabá, então, todos alegavam que a falta de água era decorrente de um feitiço dela e que todos os homens que iam lutar com ela, eram comidos pela mesma. Mas, não é bem assim....aí entra Kiriku, que com muita coragem tenta desvendar os segredos. Fala muito de verdade, respeito, curiosidade, determinação e luta.

É uma lição de vida. Kiriku e a feiticeira é um filme que conta a história de uma comunidade que vivia subjugada pelo poder de uma feiticeira. É um desenho animado de muita sensibilidade, que agrada aos pequenos, jovens e os adultos encontram muitos ensinamentos nesta lenda. É uma história que celebra a coragem de um garoto que era diferente dos outros companheiros de sua aldeia. Era perspicaz e astucioso, muito amigo de sua mãe. A feiticeira foi vencida pela coragem e pela astúcia de uma comunidade. O menino Kiriku enfrenta a feiticeira Karabá junto com seus guardiões e nesta luta ele aprende que só o amor, a verdade e a generosidade, aliados à inteligência, são capazes de vencer a dor e as diferenças. É realmente um desenho moderno com linguagem capaz de falar às crianças sem contudo subestimar os adultos.

Procedimentos metodológicos:

1 – Motivação: Leitura oral “empolgada” de textos descritivos sobre os personagens principais e enredo do filme.

2 – Apresentação do filme para a turma.

3 – Interpretação oral e coletiva através de perguntas durante o momento da rodinha.

4 – Trabalhos artísticos relacionados ao filme (personagens, cenários...): desenhos, pinturas, colagens, montagens, confecção de painéis e máscara, exposição de trabalhos na sala etc.

5 – Brincadeira dramatizada: uma criança representou Kirikú, engatinhando pelo cupinzeiro (cadeiras dispostas enfileiradas, imitando os túneis do cupinzeiro; um túnel curto sem saída; no outro um gambá (representado por outra criança); no outro tem os esquilos, o outro foi a saída do cupinzeiro).

VARIAÇÃO: Todos engatinharam pelos túneis, à vontade.

Falei para a turma sobre os personagens principais:

KIRIKU: é um minúsculo menino, mas sabe o que quer. Ele é determinado a lutar contra Karabá.

Seu tamanho o ajuda a entrar em qualquer lugar, mas ele adoraria crescer de uma hora para outra.

A MÃE: é uma mulher jovem e ignorada pela aldeia, assim como Kiriku.

Ela é independente e compreensiva.

Ela aceita a independência prematura de Kiriku e sempre fica ao seu lado quando ele precisa.

KARABÁ: é poderosa, má e linda. Vive só, cercada pelos guardiões, em uma cabana cinza, no alto de uma montanha, fora da aldeia de Kiriku.

O SÁBIO: O sábio da montanha proibida é avô de Kirikú.

Ele representa a serenidade da velhice.

É caridoso, nobre e diferente do contador de histórias da aldeia, que é medroso e abaixa a cabeça para Karabá.

Roteiro de perguntas para o momento da rodinha

1. O que Kirikú quer saber a todo momento?
2. Porque Karabá não quer que ninguém vá ao sábio da montanha?
3. O grande cupinzeiro é a porta de entrada da montanha proibida. Para quem ela se abre?
4. Segundo o sábio, como Kirikú pode enfrentar Karabá?
5. Como é o velho contador de histórias da aldeia?
6. O Sábido diz a Kirikú porque Karabá é malvada. Qual é o motivo dela ser tão malvada?
7. Quantas vezes Kiriku salvou as crianças?
8. Kirikú vai até a montanha proibida com a ajuda de quem?
9. Os valores: amor, verdade, generosidade, tolerância, paciência e determinação. Em que situações aparecem no filme?

10. O que tem de bom em ser:

Pequeno?

Grande?

11. Quando uma criança se parece com um adulto? (Atitudes positivas e negativas).

12. Quando um adulto se parece com uma criança? (Atitudes positivas e negativas).

13. “Ela sofre noite e dia”.

14. “A maldade não surge do nada, mas é resultado de algum sofrimento”.

15. Que coisas nos fazem sofrer?

15. Você conhece alguma pessoa que sofre?

16. Você sabe porque ela sofre?

17. Você acha que é possível ajudar a diminuir ou acabar com o sofrimento de alguém? Como?

“Às vezes fico cansado de lutar sozinho”.

18. E você alguma vez já sentiu-se como Kirikú, cansado de lutar sozinho para resolver um problema?

19. Na ocasião, alguém veio ajudá-lo? Quem? O que esta pessoa fez para ajudá-lo? Como você se sentiu então?

20. “Tentei salvá-los, mas eles não me querem bem”.

Você já sentiu-se discriminado, colocado de lado, mesmo tentando ser amigo?

Como você se sentiu quando isto aconteceu?

22. Você já deixou alguém de lado numa brincadeira ou conversa? Porque? Como você acha que esta pessoa se sentiu?

23. “Água boa para se banhar, brincar e beber”

E para o que mais?

Montagem de um vocabulário alfabético ilustrado:

A – Aldeia, água, aranha.

B – Besouro.

C- Cabana, canoa, coração cupinzeiro.

D- Dentes
E- Esquilo, espinhos.
F- Feiticeira, flechas.
G-Guardiães, guerreiros gruta, gambá.
H- Homem, herói.
I – Irmão, inteligência.
J- Jóias, javali.
K – Kirikú, Karabá.
L – Lanças.
M – Montanha, mãe, menino, menina.
N- Nozes
O- Ouro, obrigado, ossos
P- Paz, pilão, pássaros.
Q-
R- Regato, rochas.
S- Sábio, sentinela, serpente.
T- tucanos talismã.
U-
V-Vovô
X-
Z-

.Desenho livre de cenas do filme.

. Desenho para colorir das cenas do filme.

. Confeção de máscara do Kirikú.

6.4 Filme: “A princesa e o sapo”

Escolhi este filme porque finalmente a Disney acaba um pouco com o reinado branco na mídia infantil e lança uma princesa negra no filme “A Princesa e o Sapo” Tiana, a primeira princesa negra de um desenho animado da Disney. É bom uma certa igualdade racial na cabeça das crianças.

Tiana é uma jovem afro-americana que vive em um encantador bairro francês na lendária cidade de Nova Orleans, berço do jazz. Do coração dos místicos pântanos da Louisiana e às margens do poderoso rio Mississippi chega uma história de amor inesquecível, com a participação de um crocodilo cantor, com toques de vudu e os encantos da cultura Cajun.

- Anika Noni Rose como **Tiana'**, uma jovem brilhante e desembaraçada; garçonete de 19 anos de idade que sonha em ser chef de seu próprio restaurante, inspirada pelo falecido pai, ela sabe tudo sobre culinária. Ela acredita que conseguirá através de muito trabalho, não precisando de nenhum homem para sustentá-la. No decorrer do filme, ela aprende que aquilo que quer não é a mesma coisa de que precisa, que são seus amigos e Naveen. No final, ela e Naveen se casam e ela abre seu restaurante. Ela é a heroína do filme e a primeira princesa afro-americana da Disney.
- Bruno Campos como **Príncipe Naveen**, o príncipe de 20 anos de idade da Maldônia, que se muda para o Quarteirão Francês de Nova Orleans em busca de diversão na cena local do jazz. Ele é persuadido pelo Dr. Facilier em fazer uma visita a seu consultório, onde é enfeitiçado e transformado num sapo. Naveen aprende durante o filme que o dinheiro não é tudo na vida, e que precisa do amor e de seus amigos e no decorrer da história se apaixona por Tiana. No final do filme, se casa com Tiana e a ajuda em seu sonho de abrir seu próprio restaurante.

Procedimentos Metodológicos:

1- Motivação

2- Contação de história: Contar a história com fantoches

Livro: Título: A princesa e o sapo

Subtítulo: O sonho de Tiana.

Autor: Walt Disney

3- Apresentação do filme para a turma.

4- Interpretação oral e coletiva da história e do filme durante o momento da rodinha.

5- Confeção de um álbum com as principais cenas do filme.

6- Desenho livre de cenas do filme.

6.5 Livro: “Ana e Ana de Célia Godoy”

As crianças demonstraram interesse por vários motivos, sendo que dois foram marcantes: primeiro - irmãs gêmeas ou não as crianças não têm necessidade de ter os mesmos gostos e opiniões e a ilustração com irmãs negras - não é comum termos livros ilustrando crianças com descendência africana. Meus alunos amaram.

Ana Carolina e Ana Beatriz eram gêmeas idênticas, mas só por fora. Por dentro, cada uma gostava de coisas diferentes. Elas ficavam muito tristes quando ganhavam roupas iguais, pois cada uma delas tinha um gosto diferente.. Elas cresceram e cada uma seguiu um caminho diferente...

Meus alunos adoraram o livro da autora Célia Godoy. Ela passou por cima do preconceito e não retratou crianças brancas; as gêmeas são negras e ensina que não pode haver discriminação entre as pessoas. Eles acharam engraçado a parte na qual a avó confunde as meninas e dá banho e leite para a mesma criança. Isto mostra algo comum hoje em dia: famílias em que as avós cuidam dos netos".

Procedimentos Metodológicos:

1- Contação da história “Ana e Ana” de Célia Godoy, fazendo uso de fantoches, com a ajuda das outras professoras.

2- Montagem de um painel com desenhos feitos pelos alunos das irmãs gêmeas Ana Carolina e Ana Beatriz.

3- Dramatização da história.

7. AVALIAÇÃO

Este plano de ação foi uma tentativa de estabelecer um pacto político com a escola e a comunidade escolar de forma dinâmica, bem estabelecida, pois acreditei que a informação foi o principal meio de diluir e exterminar preconceitos.

A avaliação foi parte constante do meu plano de ação, à medida que os trabalhos foram acontecendo de forma sistemática e estratégica, tendo sempre como eixo as reflexões acerca dos trabalhos desenvolvidos e se estavam, de fato, contemplando a lei 10639/03 que instituiu a obrigatoriedade do tema História da África e suas riquezas culturais nos currículos escolares.

A flexibilidade foi também outro aspecto importante do meu plano, pois diante de imprevistos traçava rapidamente novas metas e reconsiderava novas possibilidades para que o meu objetivo principal fosse contemplado como prioridade que é o cumprimento da lei 10639/03.

Ao optar por trabalhar com literatura infantil e filmes, estendi meu trabalho a todas as 4 turmas de Educação Infantil. Em muitos momentos coletivos, percebi que os alunos de 5 anos apresentavam maiores problemas em relação a preconceitos com relação ao negro. Ao contar a história “A princesa e o Sapo” , apresentei os fantoches e, ao perceberem que a princesa era negra, vários alunos da turma de 5 anos ficaram surpresos e até indignados e exclamaram: _ Que princesa feia, nunca vi uma princesa preta! Fizemos a intervenção e falamos que temos em nossa sociedade tipos de beleza diferentes que devem ser valorizadas por todos nós e que a maior beleza que existe é a beleza interior, principalmente quando se respeita e valoriza as diferenças.

Quando trabalhei com o livro “A Ovelha Negra” de Bernardo Aibé, durante o momento da rodinha com meus alunos, fiquei encantada com as observações e as reflexões feita por eles. Uma aluna, após várias perguntas que foram direcionadas por mim; fez uma reflexão sobre a ovelha negra, Tita - dizendo: _ Que bom que a ovelhinha Tita passou a gostar dela mesma, de se assumir e aceitar-se como ela era e não se importar com que os outros poderiam pensar e falar. Ser feliz e até gostar de ser uma ovelhinha diferente.

Os alunos da Educação infantil ficaram encantados com o filme “Kiriku e a feiticeira”, que foi visto por todos eles numa sala onde se tem o data show, ficando atentos durante todo o filme que tem uma duração de quase 1:30 h. Foi de grande interesse para a turma e desenvolvi algumas atividades que eles amaram. Como o tempo para desenvolver este trabalho foi um pouco limitado, pelo fato de ter dado mais ênfase ao trabalho com o Livro “Menina bonita do laço de fita” e a turma ter demonstrado um grande interesse pelo filme, no ano seguinte programarei mais atividades que atenderão ao grande interesse que foi demonstrado por eles.

O livro Ana e Ana de Célia Godoy também despertou o interesse e a admiração dos alunos. Como esta foi a última atividade desenvolvida com os alunos, notei um certo amadurecimento por parte deles. Por se tratar de uma história de duas irmãs negras e gêmeas, era de se esperar algum comportamento de rejeição e espanto, o que não ocorreu como na história e no filme “A princesa e o sapo” . Houve uma grande admiração pelas irmãs gêmeas e observei que todas as meninas queriam fazer o papel de Ana Carolina e Ana Beatriz na dramatização da história.

Passo agora a discorrer sobre o trabalho ao qual dei maior ênfase, baseado no livro “Menina bonita do laço de fita”. É uma história linda em que todos os meus alunos ficaram encantados com a menina e o coelhinho e tive a oportunidade de fazer um trabalho mais detalhado de forma a atender e a contemplar a lei 10639/31. Este trabalho permitiu um maior envolvimento da família, que também participou enviando gravuras, fotos de parentes com quem a criança se parecia, etc. Foi também pedido aos pais, através de bilhete, que ajudassem as crianças a confeccionar uma bonequinha para culminância do trabalho com o livro “Menina Bonita do laço de fita”. Fiquei surpresa ao ver que a maioria dos trabalhos enviados eram de bonequinhos brancos e loiros e também de bonequinhos brancos. Parei para pensar e questionar o que havia acontecido de errado e percebi o preconceito existente na família destas crianças, que valorizavam a beleza européia, mesmo tendo enviado na caixa surpresa o livro “Menina bonita do laço de fita”. Resolvi enviar outro bilhete, desta vez ressaltando para confeccionar uma bonequinha preta como a menina da história que foi enviada na caixa-surpresa. Após esta explicação no bilhete as bonecas foram enviadas conforme foi pedido.

Foi um trabalho riquíssimo. Durante o seu desenvolvimento foram feitos desenhos livres pelas crianças, mural com vários tipos humanos, álbum com a seqüência da história, etc.

Como culminância do trabalho foi feito uma dramatização com meus alunos no parquinho da escola, apresentado para todas as turmas de Educação infantil. No final da apresentação todos os personagens se apresentaram e, juntamente com os alunos, fizemos uma reflexão da importância de valorizarmos todas as cores, que todos nós parecemos com nossos parentes e que Deus ama a todos.

No dia 03/12/2010 aconteceu na escola a Mostra Cultural sobre Africanidade onde foram expostos todos os trabalhos desenvolvidos neste Plano de Ação. Infelizmente muitos pais não tiveram disponibilidade para virem à escola, mas mostrei e comentei estes trabalhos no dia da reunião de pais, que aconteceu no dia 10/12/010.

Minha atuação profissional neste campo específico ficou mais qualificada e me propiciou rever minhas práticas cotidianas de ensino e aprendizagem de maneira que vou continuar contribuindo através de discussões no âmbito escolar e projetos bem elaborados, de forma a combater o preconceito existente na escola, contribuindo assim para o sucesso dessas crianças negras e brancas, como alunas e cidadãos.

Passei a ter um novo olhar sobre a questão racial, sempre atenta a fazer reflexões e interferências no cotidiano escolar, quando nos deparamos muitas vezes com situações de preconceito e discriminação.

Entendi que o primeiro desafio na educação infantil é o entendimento da identidade, a criança negra precisa se ver como negra, aprender a respeitar a imagem que tem de si e ter modelos que confirmem esta expectativa.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero este plano de ação um estudo aprofundado do cotidiano escolar em uma turma da Educação Infantil. Com os dados obtidos, pude conhecer melhor as práticas educativas e a vida cotidiana das crianças e também, compreender como ocorre a problemática racial neste ambiente, tendo por base as relações professor/aluno e aluno/aluno.

De acordo com a autora CENCIANE (2005) “a questão racial é pouco discutida no cotidiano escolar da Educação Infantil, como se o preconceito racial não passasse, ou melhor, não deixasse marca na cultura do mesmo; ficando claro que as diferenças e semelhanças culturais são ignoradas o que prejudica a construção da identidade das crianças.”

Por isso, é necessário que nós profissionais de educação estejamos atentos a isto, pois a escola não está fora da sociedade, ela reproduz e reforça os ideais enraizados nela que discriminam e inferiorizam o negro e sua cultura.

Dessa forma, que a questão racial é sempre silenciada e, este silêncio, ocorre de diversas formas, dentre elas: a falsa impressão de igualdade, quando na verdade, todos são diferentes e o que devemos ter por igual é o respeito.

O combate a todas as formas de preconceito deve ser prioridade desde os primeiros anos da Educação infantil. É essencial reconhecer que existem as diferenças. O acesso a um ambiente que estimule o respeito à diversidade ajuda a formar jovens mais preocupados com a coletividade. Percebi ao longo do curso que é necessário discutir com os alunos suas atitudes e desenvolver atividades no sentido de desconstruir as idéias negativas a respeito dos negros.

9. REFERÊNCIAS

.CAVALHEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Educação e Poder; racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil. São Paulo, summus 2000.

.LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: Um breve Perfil na Literatura Infanto-Juvenil. In. Superando o Racismo na escola. 2º edição revisada. KABENGELE, Munanga (Org.). Alfabetização e diversidade. Brasília: MEC/SEC, 2005.

.MOURA, Glória. O Direito à Diferença. In. Superando o Racismo na escola. 2º edição revisada. KABENGELE, Munanga (Org.). Alfabetização e diversidade. Brasília: MEC/SEC, 2005.

.ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo, Brasiliense, 2003.

.PEREIRA, Amauri Mendes. Escola - espaço privilegiado para a construção da cultura de consciência negra. 2005

.RIBEIRO, Romilda Iyakemi. Até quando educaremos exclusivamente para a branquitude? Redes-de-significado na construção da identidade e da cidadania. In: POTO, M R S, CATANI, A M, PRUDENTE, C L e GILIOLI, R S. Negro, educação e multiculturalismo: Editor Panorama, 2002.

.DEL PRIORI, Mary. "O papel branco, a infância e os jesuítas na Colônia". In: História da Criança no Brasil. São Paulo: Contexto, 1991

.PRIORE, Mary Del. A criança negra no Brasil. In.: Marco A Pamplona (org). Escravidão, Exclusão e Cidadania. Rio de Janeiro: Acces, 2001

.CUNHA Jr. Henrique. Pesquisas educacionais em temas de interesse dos afrodescendentes. In: Lima, Ivan Costa et. al.(Orgs) Os negros e a escola brasileira. Florianópolis, Nº 6, Núcleo de Estudos Negros/ NEN, 1999.

.LIMA, Mônica. Reflexões sobre o ensino de História da África e dos africanos no Brasil. In: Saberes e fazeres, v.1 : modos de ver / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. A cor da Cultura - Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2006

.FAZZI, Rita de Cássia. O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte: Autentica

.ROMÃO, Jeruse (orgs.) *As idéias racistas, os negros e a educação*. Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros, Atilende, 2003, 2ª ed..

.CENCIANE, Daniela Xavier – Relações entre o cotidiano escolar da Educação Infantil e a problemática racial brasileira, 2005

.SOUZA, André Ricardo de; VALLADO, Armando. “Trajetória dos Deuses e sua Cultura da África ao Brasil”. Seção Livros, n. 43, pp. 204-7, set.-nov./1998.

.LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.

.GUIA Brasileiro de fontes para a História da África, da escravidão negra e do negro na sociedade atual. Frente arquivística/coordenação do arquivo nacional. Rio de Janeiro/arquivo nacional/ Departamento de Imprensa, 1998.

.BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de educação Fundamental – Parâmetros Curriculares Nacionais – Brasília. MEC, 1998/ SEF

.RONEI – Brasil – 1998 – Referencial Nacional Curricular da Educação

.ROCHA, Lucimar Dias. “Diversidade étnico-racial e educação infantil. Racismo e Anti-Racismo no Brasil. São Paulo: Editora 34, 1999

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/ SECRETARIA DA EDUCAÇÃO CONTINUADA, ORIENTAÇÕES E AÇÕES DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: Brasília: SECAD, 2006

1- Educação – Educação Étnico Racial

2- Discriminação Racial na Educação Infantil, Fundamental, Médio e Superior.

.ANA E ANA – Célia Godoy – Difusão cultural do livro.

.A OVELHA NEGRA – Bernardo Aibê- ED. Ioni Meloni Naif

.MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA – Ana Maria Machado – Editora Ática

.FILME: DVD KIRIKU E A FEITICEIRA - Retrata a respeito da consciência Negra e seu Desenvolvimento no Brasil atual. Direção; Michel Ocelet. França/Bélgica, Cult Filmes, 1998.

.FILME: DVD: A PRINCESA E O SAPO –Walt Disney Pictures

.LIVRO: A PRINCESA E O SAPO: O SONHO DE TIANA Disney, Editora Melhoramentos

.CRIANÇAS COMO VOCÊ – Em associação com o Fundo das Nações Unidas para a Infância – Editora Ática – 2008

ANEXOS

ESCOLA MUNICIPAL DOUTOR JOSÉ XAVIER NOGUEIRA



PRÉDIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL



TURMA DO ELEFANTE- 04 ANOS
(CONFEÇÃO DA BONECA MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA)



MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA (CONFEÇÃO DE BONECAS)



MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA (PINTURA)



A OVELHA NEGRA



CONTANDO A HISTÓRIA: A OVELHA NEGRA



ASSISTINDO O FILME: KIRIKU E A FEITICEIRA



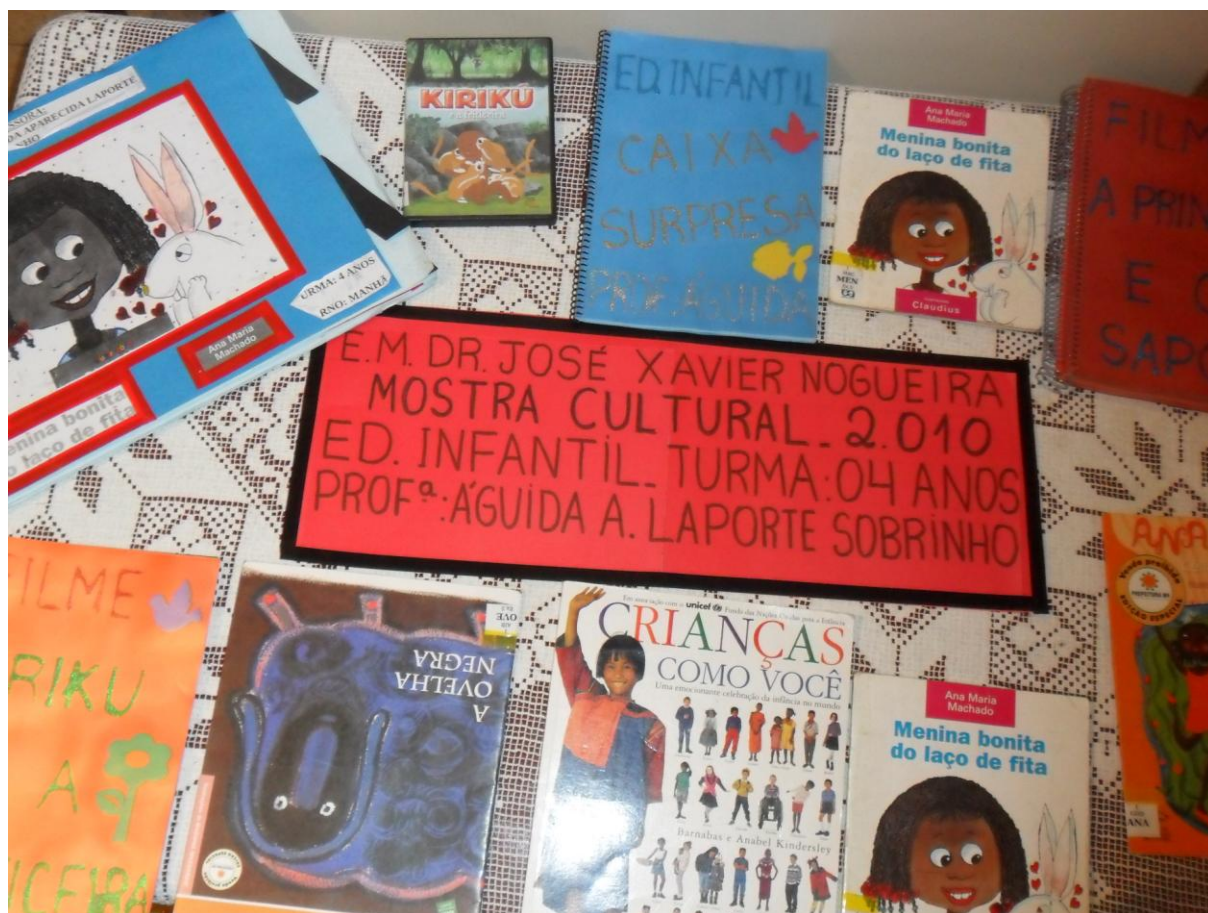
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA
HISTÓRIA: A PRINCESA E O SAPO



DESENHO LIVRE DA HISTÓRIA ANA E ANA



MOSTRA CULTURAL



MOSTRA CULTURAL



CAIXA SURPRESA



